

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

EDUCAÇÃO, LUDICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

EDUCAÇÃO, LUDICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

DISCIPLINA: ENSINO LÚDICO
RESUMO
O brincar está presente nas discussões sobre educação, práticas pedagógicas e psicopedagógicas. Fala-se muito sobre a importância do brincar na educação infantil e de seu resgate nas práticas pedagógicas no ensino fundamental, além de sua utilização no trabalho psicopedagógico. Ressalta-se que a presença do brincar no cotidiano da escola não garante de fato sua efetividade. É fundamental que essa atividade seja planejada, organizada e que seus objetivos sejam definidos com clareza. Embora haja o reconhecimento do brincar como uma atividade importante para o desenvolvimento humano, cuja presença no contexto escolar é valorizada, ainda há uma visão do brincar como atividade distrativa e improvisada.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO ESPAÇO E TEMPO CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DOS BRINQUEDOS OS MÉTODOS DE BRINCAR O BRINCAR COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO AULA 2 INTRODUÇÃO COMPONENTES DO JOGO CONCEPÇÃO DE JEAN PIAGET SOBRE JOGOS CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS O JOGO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO AULA 3 INTRODUÇÃO OFICINAS PSICOPEDAGÓGICAS NAS PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS: A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO A FUNÇÃO DO PSICOPEDAGOGO COMO MEDIADOR NAS OFICINAS PSICOPEDAGÓGICAS OFICINAS PSICOPEDAGÓGICAS: AS PROPOSTAS DE TORRES, ALLESSANDRINI E GRASSI AULA 4 INTRODUÇÃO A HORA DA RODA O JOGO DO DIA A PRÁTICA DO JOGO DO DIA: DINÂMICA CONSTRUTIVISTA CANTINHOS AULA 5 INTRODUÇÃO PRIMEIRO MOMENTO: SENSIBILIZAÇÃO SEGUNDO MOMENTO: EXPRESSÃO LIVRE

TERCEIRO MOMENTO: ELABORAÇÃO DA EXPRESSÃO
QUARTO E QUINTO MOMENTOS: COMUNICAÇÃO E AVALIAÇÃO

AULA 6

INTRODUÇÃO

SENSIBILIZAÇÃO

DESENVOLVIMENTO: CONSTRUÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS

FECHAMENTO

AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- CUNHA, N. H. da S. Brinquedo, desafio e descoberta. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- _____. A brinquedoteca: um mergulho no brincar. São Paulo: Maltese, 1994.
- FRIEDMANN, A. O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

DISCIPLINA:

EDUCAÇÃO E LUDICIDADE

RESUMO

Para iniciarmos esta disciplina, convidamos você a pensar em duas questões: O que é lúdico? O que é ludicidade? Arriscamos afirmar que não seria muito complicado propor algumas ideias gerais e respostas para essas questões. Isso acontece porque, de certa forma, o uso dos termos lúdico e ludicidade se popularizou e vários sentidos são compartilhados por sujeitos e instituições, seja para referir-se ao comportamento de um indivíduo, usar como estratégia de marketing para vender produtos ou serviços ou referir-se a objetos ou jogos. O uso dos termos lúdico e ludicidade também é comum entre os educadores. Influenciado por seu contexto e referencial teórico, cada autor atribui um determinado sentido a esses termos. Ora lúdico é o jogo, o material, ora a pessoa ou a aula, por exemplo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À LUDICIDADE

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA LUDICIDADE

CONTRIBUIÇÕES DE LEV VYGOTSKY E JEAN PIAGET

CONTRIBUIÇÕES DE JOHAN HUIZINGA

CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CAILLOIS

AULA 2

JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA

A BRINCADEIRA: O SIGNIFICADO DO FAZ DE CONTA NA VIDA DA CRIANÇA

A TRANSDISCIPLINARIDADE DO BRINCAR

DIFERENTES TIPOS DE LINGUAGEM: MÚSICA, ARTE E MOVIMENTO

O PRINCÍPIO DA INCLUSÃO NA BRINCADEIRA INFANTIL

AULA 3

ENTRE O CONHECIMENTO E A PERCEPÇÃO PESSOAL SOBRE LUDICIDADE

SABERES E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR

CAMINHOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA: SABER PRÁTICO E SABER TEÓRICO

O LÚDICO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

O LÚDICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AULA 4

AS FUNÇÕES DO JOGO NA EDUCAÇÃO: PRAZER E DESENVOLVIMENTO DE SABERES

O JOGO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: DESAFIOS E OPORTUNIDADES
CLASSIFICAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS JOGOS (PIAGET)
JOGOS DIGITAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM
ABORDAGEM LÚDICO-DIDÁTICA

AULA 5

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO LAZER
ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER: BRINQUEDOTECA
RECREIO ESCOLAR
EDUCAR PARA O LAZER
MOVIMENTO, RITMO, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

AULA 6

BRINQUEDO: CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS
TEMA 2 – BRINQUEDO:
PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM
BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS
BRINQUEDOS COM MATERIAIS RECICLÁVEIS
BRINQUEDO ELETRÔNICO

BIBLIOGRAFIAS

- CAILLOIS, R. Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.
- GOMES, C. L. Lúdico. In: GOMES, C. L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 141-146.
- HUIZINGA, J. H. L.: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção Estudos).

DISCIPLINA:

CORPO, DANÇA, EXPRESSÃO E MOVIMENTO

RESUMO

Para iniciarmos nossos estudos sobre a linguagem da dança, é imprescindível refletirmos sobre seus significados em diferentes espaços, os quais podem ser culturais/locais ou até mesmo temporais. Além disso, é necessário estudarmos sobre a ferramenta pela qual a dança torna-se possível: o corpo humano, que tem um funcionamento complexo e harmônico e é carregado de diferentes significados para cada povo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CONCEPÇÃO DE CORPO
ANATOMIA E FISIOLOGIA HUMANA
MOTRICIDADE HUMANA
CORPO E CULTURA

AULA 2

INTRODUÇÃO
CIVILIZAÇÕES ANTIGAS
IDADE MÉDIA
CORTES EUROPEIAS E BALLET CLÁSSICO
DANÇA MODERNA

AULA 3

INTRODUÇÃO
DANÇA CONTEMPORÂNEA
A DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS COMPANHIAS DE DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS FESTIVAIS DE DANÇA NO BRASIL

AULA 4

INTRODUÇÃO
OS DOCUMENTOS OFICIAIS
LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E A DANÇA
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

AULA 5

INTRODUÇÃO
LABAN: ESTUDO DOS MOVIMENTOS
REFLEXÕES DE ISABEL MARQUES
REFLEXÕES DE MARCIA STRAZZACAPPA
REFLEXÕES DE GISELE ONUKI

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONCEITOS DE VIDEODANÇA
CUNNINGHAM: O PIONEIRO DA VIDEODANÇA
ANALÍVIA CORDEIRO: VIDEODANÇA NO BRASIL
O QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA VIDEODANÇA

BIBLIOGRAFIAS

- BERTAZZO, I. Corpo vivo – Reeducação do movimento. Colaboração de Ana Marta Nunes Zanolli, Geni Gandra, Juliana Storto e Liza Ostemayer. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.
- CASTRO, S. V. de. Anatomia fundamental. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- FLORES, M. B. R. Corpo e imagens replicantes. Seminário de Danças E por falar em... Corpo performático fazeres e dizeres na dança. Instituto Festival de dança de Joinville. Joinville: Nova Letra, 2013. Disponível em: http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/VI-Seminarios-deDanca-E-por-falar-em...CORPO-PERFORMATICO_Varios-Autores.pdf.

DISCIPLINA:

JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO

Esta disciplina tem o propósito de oferecer várias possibilidades concretas de intervenção na realidade em diferentes contextos. Para tanto, buscamos entender os motivos pelos

quais os jogos e as brincadeiras são relevantes, analisamos os aspectos simbólicos e a contribuição dessas manifestações para o desenvolvimento e, por fim, sugerimos atividades que exemplificam os conceitos abordados.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

JOGAR E BRINCAR: CONCEITUALIZAÇÃO
TEMPO DE BRINCAR E JOGAR
UMA TENTATIVA DE CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS
O ESPORTE EM JOGO
BRINQUEDO: A RELAÇÃO DA CRIANÇA COM O OBJETO

AULA 2

ADAPTAÇÃO: ATIVIDADES DE SOCIALIZAÇÃO
CORPO SAUDÁVEL: ATIVIDADES PARA A QUALIDADE DE VIDA
CORPOS (IN)DISCIPLINADOS: ATIVIDADES DE AUTONOMIA
DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR
OFICINA DE BRINQUEDOS: ATIVIDADES DE CRIAÇÃO

AULA 3

CONSIDERAÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PRELIMINARES
PLANEJAMENTO: APRENDIZAGENS E DESENVOLVIMENTO REFERENTES AOS
JOGOS E BRINCADEIRAS
JOGOS E BRINCADEIRAS COMO CONTEÚDOS DO COMPONENTE CURRICULAR DA
EDUCAÇÃO FÍSICA
AVALIAÇÃO DO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA
DOCUMENTO EM MOVIMENTO: O QUE DIZ A BASE NACIONAL CURRICULAR
COMUM

AULA 4

EDUCAÇÃO INFANTIL
ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AULA 5

JOGOS INCLUSIVOS
JOGOS ELETRÔNICOS
JOGOS NA NATUREZA
JOGOS E GÊNERO
JOGOS COOPERATIVOS

AULA 6

JOGOS POPULARES
JOGOS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA
JOGOS MILENARES DE TABULEIRO
JOGOS DA CULTURA INDÍGENA
JOGOS DA CULTURA ORIENTAL

BIBLIOGRAFIAS

- MARINHO, H. R. B. et al. Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- FINCK, S. C. M. (Org.) A educação física escolar: cotidiano, saberes e formação. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- SUHR, I. R. F.; SILVA, S. Z. da. Relação professor-aluno-conhecimento. Curitiba: IBEPX, 2010.

DISCIPLINA:

FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS E PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL

RESUMO

Nesta aula trataremos das questões relacionadas à aprendizagem, em especial seus aspectos psicológicos, com ênfase no aspecto afetivo, que envolve a identidade do aluno e sua interação com o grupo, bem como as diversas teorias que representam as formas de aprendizagem que a pessoa desenvolve no decorrer de sua vida, principalmente quando ingressa na escola, para adquirir um conhecimento sistematizado.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

TEORIA DO CONSTRUTIVISMO PSICOGENÉTICO (JEAN PIAGET)

TEORIA SOCIOINTERACIONISTA OU CONSTRUTIVISMO (LEV VYGOTSKY)

TEORIA DA AFETIVIDADE (HENRI WALLON)

TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS (HOWARD GARDNER)

AULA 2

INTRODUÇÃO

DEFICIÊNCIA FÍSICA NEUROMOTORA

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

SÍNDROME DE DOWN

MICROCEFALIA E SÍNDROME DE GUILLAN-BARRÉ (VÍRUS ZIKA)

AULA 3

INTRODUÇÃO

O QUE SÃO OS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM?

ENVOLVENDO A LÍNGUA PORTUGUESA – LEITURA

ENVOLVENDO A LÍNGUA PORTUGUESA – ESCRITA

ENVOLVENDO A MATEMÁTICA

AULA 4

INTRODUÇÃO

TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA

SÍNDROME DO DESENVOLVIMENTO DESINTEGRATIVO DA INFÂNCIA (SÍNDROME DE HELLER)

TDHA (TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE)

DEPRESSÃO INFANTIL

AULA 5

INTRODUÇÃO

FATORES PRÉ-NATAIS
FATORES PERINATAIS
FATORES NEONATAIS
FATORES PÓS-NATAIS

AULA 6

INTRODUÇÃO
RESPEITO À DIVERSIDADE E CIDADANIA
AMBIENTE EM QUE O ALUNO VIVE/CURRÍCULO DA ESCOLA INCLUSIVA
PROFESSOR COMO MEDIADOR
AUTONOMIA E INSERÇÃO PROFISSIONAL DO PORTADOR DE
DEFICIÊNCIA/TRANSTORNO

BIBLIOGRAFIAS

- BALESTRA, M. M. M. A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade. Curitiba: Ibpex, 2007.
- CARMO, J. dos S. Fundamentos psicológicos da educação. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Psicologia em Sala de Aula).
- FERRARI, M. Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas. Nova Escola, 1 out. 2008. Disponível em: [https://novaescola.org.br/conteudo/1462/h](https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas) oward-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas.

DISCIPLINA:

LITERATURA INFANTIL

RESUMO

Você sabia que muito tem se discutido sobre a importância da leitura e da literatura para a formação das crianças da Educação Infantil e das séries iniciais? São muitos os congressos, encontros e livros sobre o assunto. Assim, vamos apresentar aqui o conceito de leitura, literatura e letramento literário, bem como a questão da leitura, da literatura e da formação de professores no Brasil. Afinal, para formar leitores, um professor precisa compreender o conceito de leitura e de literatura, não é?

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

A LEITURA
A LITERATURA
O LETRAMENTO LITERÁRIO
A LEITURA E A LITERATURA NO BRASIL
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

AULA 2

TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS
GÊNEROS DA LITERATURA
NARRATIVA
POESIA
O TEXTO DRAMÁTICO

AULA 3

LEITURA E SUPORTES: ESTABELECENDO RELAÇÕES
O LIVRO DIDÁTICO E O LIVRO PARADIDÁTICO
LIVRO BRINQUEDO E OUTROS SUPORTES

LIVRO DE LITERATURA
INTERNET

AULA 4

A ESCOLARIZAÇÃO DO TEXTO DE LITERATURA
A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO
CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS
ADAPTAÇÕES E TRADUÇÕES
ESTRATÉGIAS DE LEITURA

AULA 5

QUESTÕES LEGAIS
NÍVEIS DE LEITURA
O PROFESSOR ENQUANTO MEDIADOR DE LEITURA
LIVRO E IMAGEM
ESCOLHA DE LIVROS

AULA 6

OS RECONTOS
CANTO DA LEITURA
BIBLIOTECA
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
SUGESTÕES DE ATIVIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- BILAC, O. Poesias Infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. PróLetramento: alfabetização e linguagem. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Proletr/tutorlingport.pdf>.
- CADEMARTORI, L. Literatura Infantil. In: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Glossário Ceale. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/autor/l-gia-cademartori>.

DISCIPLINA:

TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO

RESUMO

Qual é a relação da motricidade com os processos do pensamento? O comportamento motor tem, diretamente, uma relação com as emoções, a afetividade, o social? A resposta assertiva para essas questões é sim. O motivo que se pode investigar é que há uma interligação do pensar e da efetividade motriz. Para Wallon (Fonseca, 2008, p.15-16), a motricidade corresponde à primeira sequência paralela e simultânea que é criada estruturalmente relacionada com o meio, e é considerada um instrumento essencial dos processos de pensamento e suas interações com a vida de um modo geral. Outro ponto importante também citado por Fonseca (2008, p. 16-17) são as fases de maturação biológica referentes ao movimento e ao pensamento, desde os meses iniciais de vida, bem como na primeira fase do bebê na qual ele passa de deitado para sentado. Posteriormente, ele evolui do sentar para o engatinhar, em seguida para o andar e o correr, mas isso ocorre de acordo com a maturação e o envolvimento do ser junto ao meio social, ou seja, há uma demanda do ambiente por meio da influência de outros humanos ou até mesmo de estímulos relacionados a objetos, como brinquedos, roupas e outros acessórios, uma vez que a criança procura se relacionar com os objetos, o que é uma sociointeração,

e, assim, tem construções de pensamento. A partir disso, tem uma maturação de outros processos cognitivos, como linguagem, memória, atenção, percepção, planejamento etc.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR E O APRENDIZADO EM DIVERSOS CONTEXTOS

ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS DO COMPORTAMENTO MOTOR

EMOÇÕES, AFETIVIDADE E O COMPORTAMENTO MOTOR

PROCESSOS INTEGRADORES DA LINGUAGEM E O DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR

PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS E PSICOMOTRICIDADE

AULA 2

LUDICIDADE E PSICOMOTRICIDADE

PSICOGÊNESE, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE PIAGET AO PROCESSO NEUROPSICOMOTOR

APRENDIZAGEM E COORDENAÇÃO MOTORA FINA

PLASTICIDADE CEREBRAL E COMPORTAMENTO NEUROPSICOMOTOR

AULA 3

PROCESSOS COGNITIVOS E COMPORTAMENTO MOTOR: PENSAR, AGIR E EXECUÇÃO

BRINCADEIRA É COISA SÉRIA PARA A MENTE: QUANDO O BRINCAR CONTRIBUI PARA A MOTRICIDADE

EDUCAÇÃO PSICOMOTORA E SUAS HABILIDADES MENTAIS VISUAIS

PSICOMOTRICIDADE E FUNCIONAMENTO CORTICAL: INTEGRAÇÃO BIOLÓGICA E O SOCIAL

PSICOMOTRICIDADE, PROCESSOS COGNITIVOS E NEUROFUNCIONALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA RUSSA

AULA 4

NEUROPSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTOJUVENIL: UM PREPARO PARA AS DEMAIS FASES DO DESENVOLVIMENTO

NEUROPSICOMOTRICIDADE, APRENDIZAGEM E ENVELHECÊNCIA

INTERVENÇÕES PSICOMOTORAS NAS FASES DO DESENVOLVIMENTO EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

TRANSTORNOS DE COORDENAÇÃO MOTORA E O APRENDER

DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

AULA 5

NEUROPSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR

NEUROPSICOMOTRICIDADE COMO FERRAMENTA DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR

NEUROPSICOMOTRICIDADE, DEFICIÊNCIA MOTORA E ATIVIDA

ATIVIDADE NEUROPSICOMOTORA, CRIATIVIDADE E JOGOS

AULA 6

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL E OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS
PSICOMOTRICIDADE E NEUROCIÊNCIAS
PSICOMOTRICIDADE E NEUROPSICOLOGIA
PSICOPEDAGOGIA E NEUROPSICOMOTRICIDADE
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO, ADAPTAÇÃO, APRENDIZAGEM E
PSICOMOTRICIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, A. R. S. Emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.
- COSENZA, R.; GUERRA, L. Neurociência e educação. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAZZANIGA, M. S. Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 314 – 341.

DISCIPLINA:

A PRÁTICA EDUCATIVA DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO

Nesta disciplina trataremos de questões que auxiliam e promovem o desenvolvimento infantil da criança na primeira infância, ou seja, vamos estudar o educando como partícipe da educação infantil, que compreende entre a faixa etária de 0 até 5 anos. Veremos a aproximação das famílias/responsáveis ao contexto educacional; a linguagem, socialização, brincar e interagir: os articuladores do desenvolvimento infantil. Abordaremos também a temática de planejamento escolar e a construção da rotina; as temáticas dos pareceres descritivos e da adaptação escolar; e as áreas de formação humana e inteligências.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O MEIO
A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL
DESENVOLVIMENTO SENSORIAL
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR

AULA 2

A ESCOLA DA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO CONTEXTO SOCIAL
O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL
RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA
APROXIMANDO A FAMÍLIA DA ESCOLA
CONSTRUINDO A ESCOLA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AULA 3

A LINGUAGEM E A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR
O PROCESSO SOCIALIZADOR
O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ARTICULADOR NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL
A LUDICIDADE E A PRÁTICA DO PROFESSOR
A EXPRESSÃO CORPORAL E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

AULA 4

O PLANEJAMENTO ESCOLAR

A RELEVÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A PRÁTICA EDUCATIVA E A PROPOSTA PEDAGÓGICA

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AULA 5

AVALIAÇÃO ESCOLAR

O PROCESSO AVALIATIVO QUE ENGLOBA A EDUCAÇÃO INFANTIL

AFINAL, O QUE SÃO PARECERES DESCRITIVOS?

TEMPOS DE ADAPTAÇÕES

A LUDICIDADE, O PROCESSO AVALIATIVO E OS PARECERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AULA 6

A FORMAÇÃO HUMANA

A INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL

A INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL

OS ESTÍMULOS EXTERNOS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

BIBLIOGRAFIAS

- ALMEIDA, A. R. A emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DISCIPLINA:

LIBRAS E SISTEMA BRAILLE

RESUMO

A deficiência visual, no Brasil, está presente em cerca de 18% da população, de acordo com o Censo de 2010. Dentre as pessoas que compõem a população brasileira, 24% declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que, dessas, mais de 78% têm deficiência visual, ou seja, a maior parcela de pessoas com deficiência em nosso país é composta por deficientes visuais (IBGE, 2010). Esses dados mostram um número expressivo de pessoas que necessitam de melhores condições de vida, no que se refere a acessibilidade, reabilitação, lazer ou convivência social, ou seja, há uma parcela significativa da população que precisa de atendimento na área de deficiência visual. No decorrer da história da humanidade, a deficiência foi percebida de diversas formas e as pessoas com deficiência foram, por muito tempo, excluídas da sociedade, confinadas e até mortas, por serem consideradas inaptas para o convívio social. A deficiência, caracterizada por uma alteração anormal de uma estrutura física, sensorial ou patológica, quando ocorre no sistema óptico humano, pode causar a cegueira total, ou apresentar limitações severas, evidenciando a baixa visão.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONCEITOS SOBRE DEFICIÊNCIA
CARACTERIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL
PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL
DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL E NO MUNDO

AULA 2

O DEFICIENTE NA HISTÓRIA
SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL
A EDUCAÇÃO PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL
INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO

AULA 3

O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL
O SISTEMA BRAILLE
MÃOS QUE LEEM
A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE
MAIS RECURSOS PARA AUXILIAR A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE

AULA 4

TECNOLOGIA ASSISTIVA
TIFLOTECNOLOGIA
RECURSOS PARA A PESSOA COM BAIXA VISÃO
RECURSOS FACILITADORES POR MEIO DA AUDIÇÃO
RECURSOS TÁTEIS – A VISÃO NA PONTA DOS DEDOS

AULA 5

OM – O QUE É? PARA QUE SERVE?
CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA APRENDIZAGEM DE OM
DESENVOLVIMENTO DAS OUTRAS PERCEPÇÕES PARA OM
PROGRAMAS DE OM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL
OM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CURRÍCULO E AVALIAÇÃO

AULA 6

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL
AVALIANDO A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL
ESTIMULAÇÃO PRECOCE: QUANTO ANTES, MELHOR!
PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO
PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

BIBLIOGRAFIAS

- ACSM – American College of Sports Medicine. ACSM's exercise management for person with chronic diseases and disabilities. USA: Human Kinetics, 1997.
- BRASIL. Decreto n. 6.949, de 25 de agosto de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 ago. 2009.
- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. da. Colaboração: Instituto Benjamin Constant. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. vol. 1, fascículos I – II – III. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

DISCIPLINA: PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
RESUMO
Nesta disciplina vamos apresentar as principais matrizes teóricas da psicologia do desenvolvimento, correlacionando-as com a teoria da personalidade e o exercício da profissão de assistente social. Iniciaremos pelo conceito de Psicologia social e sua origem, a seguir iremos contextualizá-la no Brasil. Apresentaremos o panorama da Psicologia social e suas implicações para o desenvolvimento da profissão de assistente social no Brasil. Na sequência, abordamos como se compreende a formação dos grupos e qual sua função na sociedade e entendemos o papel da comunicação no processo grupal. Por fim, tratamos do processo grupal e de seus conflitos. Iniciaremos este módulo expondo o conceito de fenômenos de interação, seguido da dualidade indivíduo x interação social, trazendo a compreensão da interação e a identidade social do indivíduo, a partir da cultura e integração social apresentada. Vamos expor o conceito de crescimento e desenvolvimento, seguido da visão sobre a hereditariedade e meio no desenvolvimento humano à luz da perspectiva ambientalista. Apresentaremos os aspectos psicossociais na infância e adolescência e abordaremos a transição e os impactos da saída da adolescência e entrada na idade adulta – um ciclo da vida humana. Veremos ainda sobre a história da Assistência Social no Brasil e, na sequência, falaremos sobre o SUAS (Sistema Único de Assistência Social), sua constituição histórica e seu fazer na sociedade; apresentaremos, também, a atuação do Psicólogo junto ao SUS (Sistema Único de Saúde) inserido neste contexto.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: CONCEITOS HISTÓRICO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO TEORIA DA PERSONALIDADE FREUDIANA TEORIA DA PERSONALIDADE JUNGUIANA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE JEAN PIAGET AULA 2 PSICOLOGIA SOCIAL: CONCEITOS PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL TORNANDO-SE HUMANO – INDIVÍDUO, CULTURA E SOCIEDADE CONSCIÊNCIA E ALIENAÇÃO PSICOLOGIA SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ASSISTENTE SOCIAL AULA 3 PSICOLOGIA DE GRUPO: CONCEITO PERSPECTIVA HISTÓRICA E DIALÉTICA DOS GRUPOS FORMAÇÃO DE GRUPOS E SUA FUNÇÃO SOCIAL CLASSIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DOS SUBGRUPOS PROCESSO GRUPAL: A COMUNICAÇÃO E SEUS CONFLITOS AULA 4 FENÔMENO DE INTERAÇÃO SOCIAL – CONCEITO O INDIVÍDUO X INTERAÇÃO SOCIAL INTERAÇÃO E IDENTIDADE SOCIAL

CULTURA E INTEGRAÇÃO SOCIAL
O INDIVÍDUO E SUA ADAPTAÇÃO NA SOCIEDADE

AULA 5

CONCEITO DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO
A HEREDITARIEDADE E MEIO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO
ASPECTOS PSICOSSOCIAIS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA
A IDADE ADULTA – UM CICLO DA VIDA HUMANA
ENVELHECIMENTO – PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS

AULA 6

ASSISTÊNCIA SOCIAL NO BRASIL – HISTÓRIA
APRESENTANDO O SUAS
O CRAS E A PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA
O SUAS E OS BENEFÍCIOS DA IMPLANTAÇÃO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL NO BRASIL
COMPREENDENDO O CONCEITO DE FAMÍLIA ACOLHIDO PELO CRAS

BIBLIOGRAFIAS

- D'ANDREA, F. F. Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico. 15. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001.
- FADIMAN, J.; FRAGER, R. Teorias da personalidade. São Paulo: Habra, 1986.
- MOTA, M. E. da. Psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva histórica.

DISCIPLINA:

APRENDER E ENSINAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO

Quando falamos de Organização do Trabalho Pedagógico (OTP), estamos, de fato, falando de uma visão sistêmica do processo educacional. Trata-se da organização que apresenta e justifica as metas e as prioridades da escola e do trabalho docente diante dos objetivos de aprendizagem – no nosso caso, para a educação infantil. Ou seja, organizar o trabalho pedagógico nada mais é do que pensar a escola e o que faremos nesse espaço para cumprir o que consideramos ser os objetivos de aprendizagem para a educação infantil.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

OBJETIVOS FORMATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL – DCNS
PERFIL PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL
CUIDAR E EDUCAR: O TRABALHO ARTICULADO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL

AULA 2

ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
METODOLOGIAS DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEQUÊNCIAS
DIDÁTICAS E PROJETOS
CANTOS DE TRABALHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
MATERIAIS E POSSIBILIDADES DE OBJETOS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

AULA 3

DESVENDANDO O CONCEITO DE “BRINCADEIRA”
A BRINCADEIRA COMO LINGUAGEM DA CRIANÇA
INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL
JOGOS E BRINQUEDOS – AMPLIANDO DISCUSSÕES
RECONCEITUANDO A “BRINCADEIRA LIVRE” NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AULA 4

EXPRESSÃO VISUAL – O LUGAR DA ARTE NO TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
EXPRESSÃO MUSICAL – O LUGAR DA MÚSICA NO TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
A EXPRESSÃO CORPORAL E O MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL
DIVERSIDADE CULTURAL – A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
LEITURA, ESCRITA E MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AULA 5

CONCEITO DE CAMPOS DE EXPERIÊNCIA
APRESENTAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA SEGUNDO A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
APRENDIZAGEM COM BASE NA EXPERIÊNCIA E NOS SENTIDOS
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM RELAÇÃO AOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA
CAMPOS DE EXPERIÊNCIA E A ARTICULAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ÉTICOS, POLÍTICOS E ESTÉTICOS

AULA 6

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PARECER DESCRITIVO, PORTFÓLIO E TABELAS DE VERIFICAÇÃO
OBSERVAÇÃO COMO INSTRUMENTO AVALIATIVO
AUTONOMIA – A IMPORTÂNCIA DESSE FATOR PARA O “SEGUIR EM FRENTE”
AFETIVIDADE NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL – O ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO ESCOLAR DA CRIANÇA

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 022/98. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 020/2009. Brasília: MEC, 2009a.

DISCIPLINA:

ABORDAGEM REGGIO EMILIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvam e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É ENSINO?

METODOLOGIAS DE ENSINO

METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO

SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS

METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

INTRODUÇÃO

CULTURA DIGITAL

APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS

A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS

METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA
APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS
GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER
METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- ABREU, J. R. P. de. Contexto atual do ensino médico: metodologias tradicionais e ativas – necessidades pedagógicas dos professores e da estrutura das escolas. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- ALENCAR, G.; BORGES, T. S. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista, jul./ago. 2014, Ano 3, n. 4, p. 119-143.
- ARAÚJO, J. C. Fundamentos da metodologia de ensino ativa (1890-1931) – UNIUBE/UFU. 37. Reunião Nacional da ANPEd – 4 a 8 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.